

JORGE NIZARALA, PROTETOR DA PAISAGEM SANTANENSE.

JORGE NIZARALA, PROTECTOR OF THE SANTANENSE LANDSCAPE

Liane Chipollino Aseff¹

Jorge Nizarala Melgin (1895- 1961) fotógrafo uruguaio-libanês deixou em seu espólio um conjunto de imagens raras e muitas inéditas, revelando o patrimônio histórico da fronteira e, especialmente, de Santana do Livramento. Embora tenha vivido a maior parte da vida em Rivera, foi em Santana que o jovem fotógrafo deteve seu olhar de historiador sobre a urbe que surgia. No álbum publicado possivelmente no final da década de 1920, deliberadamente intitulado *Estudo Photographico*, apresenta uma cidade que floresce.

A seleção feita pelo fotografo de edificações emergentes e paisagens bucólicas servem como termômetro para verificarmos uma cidade em transformação urbana.²



Jorge Nizarala Melgin e o primogênito Amado Nizarala Posada (em árabe Buzaa), fotografado pelo pai, década de 1920, em Santana do Livramento. Acervo Amado Nizarala.

Pode-se dizer que Nizarala, guardadas as devidas proporções, surge na história de Santana do Livramento associado à figura de um *flâneur*, observador baudelairiano- benjaminiano,

¹Liane Chipollino Aseff, historiadora santanense. Pesquisadora da presença árabe e imigração libanesa na fronteira sul do Brasil e norte uruguaia. Mestre em História Cultural (UFSC- 2006) e doutoranda do PPG Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-USP.

² A pesquisa teve acesso ao álbum raro graças a generosidade e sentido histórico de seu neto Amado Nizarala.

num mundo marcado pela transformação das pequenas cidades. Neste artigo o objeto de estudo será a fase brasileira vivida pelo migrante³.

A obra de Nizarala confere majestade a prédios e lugares de uma cidade que ia deixando para trás os traços de povoado e assumindo feições modernas, em uma perspectiva benjaminiana.

Convém contextualizar sua trajetória migrante para compreender a permanência nas cidades. O mito do libanês como “um ser do mundo” pode ser aqui representado pela personalidade inquieta de Jorge Nizarala. O sobrenome Nizr Ala (em árabe, águia de Deus) e acastelhanado ou abasileirado para Nizarala teve sua trajetória na fronteira representada pela marca singular de um olhar antropológico.⁴ O fotógrafo registrou a cidade sob a perspectiva de um ponto de fuga no centro do objeto de estudo e o efeito dessa escolha será sua marca registrada.

Reconhecido como um “fotógrafo libanês construiu uma trajetória singular como fotógrafo e militante político nos dois países em que viveu e estimou. As condições da vinda da família de Jorge ao Uruguai são de fato impressionantes e acompanham parte de sua ascendência libanesa, uruguaia e brasileira. A história dos Nizarala na América do Sul teve início entre os anos de 1894 e 1895, quando a família libanesa precisou viajar ao Uruguai. A matriarca, conhecida pelos familiares como Taita, viajou desde o porto de Beirute rumo ao Uruguai. Em início de gravidez, veio acompanhada do filho menor. O pai de Jorge a enviara em uma missão arriscada: encontrar o paradeiro do filho mais velho, Abraão. Segundo cartas de amigos da coletividade residentes no país, o jovem estaria em perigo, envolvido em causas revolucionárias. A missão familiar tinha por objetivo o retorno do filho em segurança ao Líbano. A busca não se mostrou tarefa fácil para Taita, especialmente nas condições físicas em que se encontrava. Viajar de trem para os lados da fronteira era perigoso nesse momento, devido à situação política do país e do vizinho estado brasileiro, o Rio Grande do Sul⁵. Depois de alguns meses andando de cidade em cidade, conforme as pistas se apresentavam, em alguns meses nasceu o segundo filho, Jorge, na capital uruguaia. Após cinco anos envolvidos na procura do paradeiro de Abraão, sem êxito, o marido solicitou o retorno da família ao lar. Jorge Nizarala de fato não nasceu no Líbano, mas na capital uruguaia,

³ A figura do *flâneur* estudada pelo pensador alemão Walter Benjamin surge num mundo marcado pela metamorfose das grandes cidades, das quais Berlim e Paris são objetos de estudo. Invenção parisiense do século XIX, a figura do “perfeito *flâneur*” reagrupava poetas e artistas, considerados, como preguiçosos, ociosos e improdutivos, ou seja, que questionavam a razão burguesa numa sociedade fundada no trabalho e na produtividade. Veja as reflexões do filósofo sobre o tema em BENJAMIN, Walter. Rua de Mão Única - Obras escolhidas Volume III. 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 73.

⁴ Conforme o Prof Dr. Paulo Daniel Elias Farah, em arabe Nasr Ala ou Allah é traduzido como “águia de Deus” e NaSr (com S enfático) Ala ou Allah para “vitória, triunfo de Deus”. No Brasil é comum o sobrenome Nasrallah

⁵ Abraão ao chegar ao país a procura de emprego, envolveu-se com patrícios “brancos” alinhados politicamente com os irmãos Gumercindo e Aparicio Saravia. No deslocamento pelo pampa uruguaio, o mascate libanês, atuava em estancias e vilarejos do Departamento de Melo, então sob domínio político saravista. Nessa época o Uruguai estava envolto em disputas entre dirigentes dos Partido Colorado e Partido Blanco. Em fevereiro de 1893, ao lado do Departamento de Melo, no estado do Rio Grande do Sul, país vizinho explodia a Revolução Federalista.

Montevideu, em 1895.⁶ As condições do retorno de Jorge ao Uruguai são de fato fascinantes e acompanham sua trajetória na América do Sul.

Jorge Niz Al, utilizando sua identidade uruguaia Nizarala, deixou sua casa em Beirute aos 17 anos, acompanhado de Taita e do irmão mais novo, Antônio. Chegaram ao Brasil, inicialmente na cidade de São Paulo, porém logo seguiram viagem ao sul, acompanhando as referências que a corrente migratória libanesa apresentava naquele momento. Como Jorge havia nascido no Uruguai, provavelmente por esse motivo retornaram ao país, no ano 1912. Tinha o objetivo de trabalhar e estudar fotografia. Depois de alguns anos vivendo em Montevideu, sempre na companhia de Taita e de Antônio, Jorge é informado de que existia uma próspera colônia de árabes na fronteira de Rivera e Santana do Livramento. Na coletividade libanesa riverense escolheu sua noiva, Maria, filha do pioneiro libanês José Posada. Constituiu família e inaugurou um dos primeiros estúdios fotográficos na cidade brasileira. Possivelmente ainda havia a esperança de encontrar o primogênito Abraão.

Na capital uruguaia Jorge Nizarala havia estudado fotografia no estúdio de um professor estrangeiro e trabalhado como aprendiz de fotógrafo por cinco anos. Também conheceu as ideias socialistas que chegavam ao Prata. Por esse motivo anos mais tarde, em sua fase brasileira, no ano de 1933 filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro. Amado Nizarala, seu neto, acredita que o avô tenha chegado à cidade nos últimos anos da década de 1910. Como falava espanhol, não teve dificuldades em se comunicar em uma região caracterizada pela fluência do portunhol. Abriu estúdio no centro da cidade, localizado à Rua Rivadávia Corrêa, 26. No entanto, residia com a família nos arrabaldes do centro da cidade. Vivia com a esposa Maria e os três filhos na antiga Rua da Piola, atual Hugulino Andrade. O nome dos filhos escolheu inspirado em seus ídolos socialistas conforme rememora o neto:

“Tiveram três filhos, o primogênito Amado, meu pai, que ele colocou o nome em homenagem a Amado Nervo, poeta e diplomata comunista mexicano, o segundo filho deu o nome de Lênin, em homenagem ao líder soviético, e Elman, em homenagem a um violinista socialista famoso na época. Depois, na fase da chácara riverense tiveram minha tia Ivone, em homenagem a uma cantante lírica, e o caçula que se chamou Fábio. Nas minhas lembranças que tenho com ele, erámos sete netos, sentados no pátio da casa dele, tinha uma sombra boa de paraísos (cinamomos), uma sombra muito boa, e ele nos obrigava a comer alho cru, ele cortava as lasquinhas fininhas do alho cru, colocava no meio do pão e nos dava. Era eu, a Iara, minha irmã, uns primos meus chamados Ribol, que chamavam de Cacho Nizarala, que é o mais velho de todos. Enrique, que também estava ali, Miguel, Jorge e Hilton. Esses erámos os netos de Jorge Nizarala. Tinha cinco anos, lembro-me dele caminhando no quintal, ele usava uma boina, era loiro de olhos azuis, tinha cabelo só na base do crânio, era calvo. E essas são minhas poucas lembranças de meu avô”⁷

Foi na fase brasileira que criou o hábito de incursionar pela região, flanando e registrando aspectos arquitetônicos, sociais e o desenvolvimento da comunidade. O olhar do *flâneur* apresenta uma Santana que está em pleno desenvolvimento urbanístico. O artista plástico Osmar Santos, pesquisador da trajetória de fotógrafos e artistas desta fronteira, comentou sobre uma particularidade no trabalho de Jorge,

⁶ Possivelmente Taita chegou ao Uruguai em meados de 1895, no final da Revolução Federalista, no entanto ainda fazia-se perigoso viajar para o interior do país.

⁷ Amado Nizarala, uruguaio, 68 anos, médico, residente em Salvador via whatsapp dia 22.11.2022.

“Havia certa preocupação com a posteridade em sua obra. Ele manteve por muitos anos o hábito de fotografar o mesmo lugar para registrar o desenvolvimento daquela vista. Com isso, no local aonde acontecia às sessões artísticas, ele fez uma marca no local com o tripé da câmera, denunciando esse fato. E sabe qual o local dessa tomada histórica? O alto do Fortim, perto do marco, lá de cima ele tinha uma visão privilegiada do centro das cidades, e por anos ele fotografou, no verão, no inverno, a paisagem era a mesma, sempre com a mesma perspectiva. Essa característica é hábito de grandes artistas da época, o que se percebe que Nizarala era um fotógrafo incomum, era um artista da imagem”⁸



Segundo Osmar Santos, o marco da foto esta localizado nos altos do Fortim. Acervo Amado Nizarala.

A evolução da cidade que adentrava na modernidade e uma iminente prosperidade econômica atraíram o artista. Nizarala, sem dúvida, priorizava o olhar antropológico e histórico. Sua câmera estava constantemente a observar e registrar uma cidade em ebulição como em um palimpsesto.⁹ Embora tenha atuado como retratista, registrando famílias e artistas locais, são as paisagens e cenas da cidade que surpreendem o espectador contemporâneo. Sob sua lente, surge entre as esquinas da atual Rua Duque de Caxias e Rivadávia Corrêa, a imponente construção da Intendência Municipal. O Palácio Moysés Vianna é retratado em sua absoluta majestade. O artista prioriza aqui o olhar do espectador, fascinado, observando desde a perspectiva patrimonial e urbanística o centro do poder da cidade. O feito mostra-se semelhante na imagem colhida pelo fotógrafo das vistas parciais

⁸ Osmar Santos, 89, uruguaio, artista plástico, professor, fotógrafo, entrevista concedida a pesquisa em sua casa em Rivera no dia 20.06.2023.

⁹ Pergaminho ou papiro grego cujo texto ao raspar, da lugar a outro escrito, assim como as cidades, que ao se desenvolverem vão renascendo dentro de outra configuração urbanística, dentro de uma outra cidade, como bem observou a historiadora Sandra Jatahy Pesavento em sua reflexão sobre as cidades modernas. PESAVENTO, Sandra. Com os olhos no passado: A cidade como palimpsesto. In **ESBOÇOS**: Revista do Programa de Pós- Graduação em Historia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC. Vol.11, N° 11(20004), p. 25-30.

do núcleo comercial, onde ao longe se vê o palacete da Intendência Municipal, explodindo como uma *estrela branca*, em meio ao casario quase colonial da vizinhança.



Acervo Amado Nizarala.



Acervo Amado Nizarala.

Acima, vista do alto da Rua Silveira Martins, vemos o Palácio Moysés Vianna ao longe. Abaixo, o coração da via arborizada, percebido pelo ângulo da profundidade, método de trabalho característico do artista.



A cidade vista do alto do Cerro do Marco, ao fundo o Palácio Moysés Vianna. Acervo Amado Nizarala.

Igualmente fotografou outros locais bucólicos, localizados nos arrabaldes da cidade. Sua lente registrou para a posteridade a histórica avenida de eucaliptos, atual entrada para o bairro industrial do Armour, em plano de profundidade, marca registrada do autor. As árvores de origem australiana foram plantadas pelo uruguaio, descendente de espanhóis, Pedro Irigoyen, quando proprietário da Charqueada Sant'Anna.

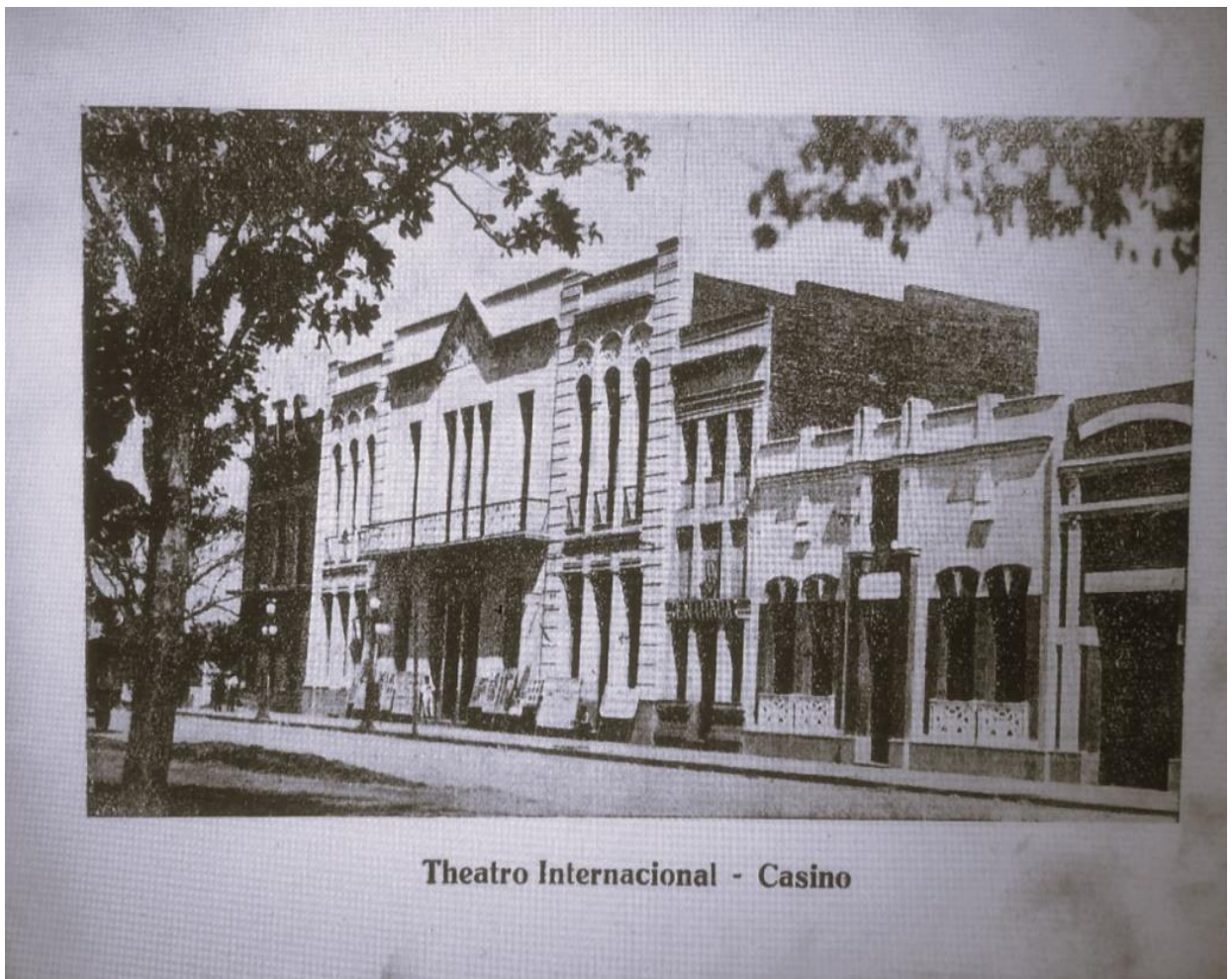
Presume-se que a imagem abaixo foi registrada por volta do ano de 1918. Possivelmente captada quando o local ainda não pertencia ao capital estrangeiro anglo-americano, fundador do *Frigorífico Armour*. O bosque de eucaliptos que corta a estrada é capturado como uma espécie de “túnel do tempo”. Teria o fotógrafo flanado à estrada de maneira a perpetuar a vista do lugar; Provavelmente prevendo a transformação desta paisagem com a chegada da indústria da carne a região.



Acervo Amado Nizarala.

Ícones do lazer também foram registrados no álbum de Nizarala, como o Cine Teatro Brasil-Uruguaí, Clube Caixeral e Clube Comercial. O Cine Theatro Cabaret Internacional, considerado na época como um “palácio branco” das artes santanenses é capturado em todo seu esplendor em meio aos cafés da vizinhança, próximos da linha divisória. Nizarala

também fotografou para a posteridade a fachada do *Cine Theatro Cabaret Internacional*. Atualmente a fotografia circula em obras e nas redes sociais sem a devida referência ao autor. A imagem icônica criada por Nizarala pode aparecer como “acervo da família tal” ou do “Museu tal”¹⁰, em função do total desconhecimento sobre a trajetória do fotógrafo em Santana do Livramento. Muitas dessas imagens que retratam o centro de Santana foram publicadas no periódico *O Republicano*, entre as décadas de 1930 e 1940, e como era usual, não continham o nome do fotógrafo. Mais tarde vamos encontrá-las publicadas em portais eletrônicos. Reitero aqui que as imagens conhecidas como *vistas parciais* da Praça General Osório sem dúvida alguma nasceram do olhar antropológico de Jorge Nizarala. Também outras “aspectos pictorescos” da cidade, especialmente referentes ao atual Largo Hugulino Andrade e arredores, onde vemos os cafês e cinemas, tem a marca registrada do Estúdio Nizarala. A imagem mais divulgada costuma ser a frente do conjunto arquitetônico visto na primeira quadra do Largo, como mostra a imagem abaixo:

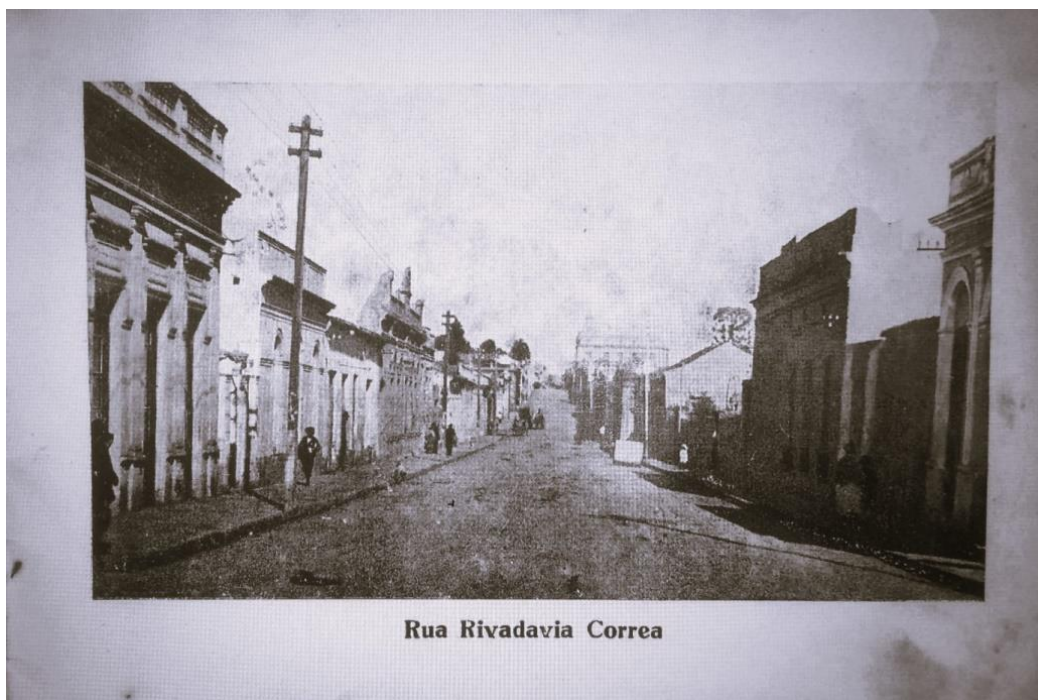


¹⁰ Infelizmente percebi que empreendi tal injustiça com o artista por desconhecimento de sua obra em meu livro, *Memórias Boemias, Histórias de uma fronteira* (2008) quando utilizei as imagens das *Vistas Parciais* retiradas do Jornal *O Republicano*.

Acima, uma imagem clássica de Nizarala, possivelmente capturada no início dos anos vinte do século passado. Acervo Amado Nizarala



O palacete do clube do comércio, o Clube Comercial. Acervo Amado Nizarala.



Rua Rivadavia Correa

Acima, novamente ressurgue o palácio da intendência santanense em um ângulo de profundidade, preferido de Nizarala para flunar a cidade. Acervo Amado Nizarala.

Jorge registrou as transformações urbanísticas e sociais – em algumas imagens ainda inéditas - de Santana do Livramento, até 1935. Em novembro de 1935 aconteceu no Brasil o chamado Levante Comunista, também conhecido como Intentona Comunista, um movimento capitaneado pelo PCB, de oposição ao Governo Vargas e ao nascente movimento integralista. A ação, liderada por Luís Carlos Prestes explodiu nos quartéis de Natal (RN), Recife (PE) e Rio de Janeiro (RJ), sendo rapidamente controlada pelas Forças Armadas e uma caça aos militantes comunistas foi deflagrada em todo o país. Jorge, integrante do partido, com temor de represálias buscou abrigo com o sogro, José Posada, no outro lado da linha divisória. Nizarala era então, com a idade de 40 anos, um fervoroso militante do PCB e um respeitado profissional nas duas cidades. Provavelmente avisado que seu nome constava na lista de procurados “subversivos” pelo governo Vargas, buscou apoio dos parentes libaneses uruguaios. O neto Amado Nizarala recorda a história familiar, contada pela tia Ivone,

“E meu avô quando na Intentona, quando mataram muitos comunistas, ele foge para o Uruguai, vende a loja de fotografias, compra uma chácara há uns dez quilômetros de Rivera, num lugar chamado Curticeiras, e ali ele cria a família. Esses filhos foram criados nessa chácara, onde eles plantavam laranjas e outras coisas que passaram a viver da produção da Chácara.¹¹

Jorge conseguiu livrar-se da perseguição a sua família atravessando a linha divisória. Trabalhou como agricultor e chacreiro por mais de dez anos, até diminuir a temperatura política no Brasil e região de fronteira. Ao retornar ao centro de Rivera, adquiriu um terreno no bairro *Rivera Chico*, na *Calle Damborearena* onde construiu sua casa. Dessa época, através das lembranças do neto Amado Nizarala, percebe-se a continuidade da vida política do avô. Na memória familiar ressurgue um Jorge intenso, na militância e atento às questões sociais dos dois países. Ativo, recebendo intelectuais de Santana e Rivera em reuniões e saraus literários em sua residência:

Meu avô Jorge, lia muito, era um livre pensador, como chamamos hoje, com ideias, ele se reúne nas tertúlias com os amigos árabes e outros pensadores de Rivera e Santana lá pelo ano de 1950. [...] Segundo contava minha tia Ivone, eram famosas as reuniões de fim de tarde na chácara da minha avó em Rivera, tinham quinze vinte pessoas discutindo filosofia, política, na casa de Rivera, quando eles mudam para a cidade. Pelo que conta minha tia eram discussões acaloradas, não de intelectuais, de defesa de ideias, e pelo que minha tia falava, meu avô tinha uma boa capacidade de comunicação, era muito convincente, e desenvolvia muito bem a palavra.[...] Ele morre em 1960 em Rivera, aos 65 anos, no dia que seu segundo filho, Lenin, vem morar perto da casa dele. Meu pai, Amado morava ao lado, Elman estava a 69 metros de sua casa, mas Lenin, que morava em *Minas de Corrales* aluga uma casa a 50 metros da dele e chega de surpresa com a mudança, num domingo, sem avisar. Ivone e

¹¹ Amado Nizarala, entrevista citada.

Fábio, ainda solteiros moravam com ele e minha avó Maria na rua Damboriarena, 288. Ele ficou tão feliz com a ideia de ter os filhos todos próximos que o coração não aguentou e falhou, levando-o a falecer de um infarto fulminante nessa mesma casa, nesse mesmo dia.¹²

As cenas urbanas e as paisagens que constam no álbum *Estudo Photographico*, de Jorge Nizarala, remetem ao olhar sensível do artista. Aquele mundo, transfigurado na visão poética do artista, guardava uma ânsia que parecia “entorpecer o ritmo do tempo”, em um contorno romântico e certa aura de universo perdido, reencontrado apenas na memória. Também pode trazer “a grande dor das coisas que passaram” nas palavras de Milton Hatoum.¹³ A herança imagética que nos deixa Nizarala neste estudo mostra uma cidade em movimento, vista pelas lentes de um fotógrafo *flaunêr*, curioso, migrante árabe em uma Santana que vivenciava a eferescência febril dos anos 1920 e 1930.

¹² Amado Nizarala, entrevista citada.

¹³ HATOUM, Milton. O Estado de São Paulo, Domingo, 27 de novembro de 2022. Caderno Cultura e comportamento, C9.